

A PSICOLOGIA COMO CIÊNCIA: ANÁLISE HISTÓRICA E O ESTUDO DA SUBJETIVIDADE

Fábia Juliana Azevedo da Silva¹
Leonara Vitória Brito Oliveira²
José Andrade Costa Filho³

RESUMO

A Psicologia nem sempre foi considerada uma ciência e, tão pouco, um conhecimento autônomo em relação a outros campos de conhecimento. O marco histórico para o reconhecimento da Psicologia como ciência autônoma ocorreu em 1879 através da fundação do Laboratório de Psicologia Experimental da Universidade de Leipzig, criado por Wundt (1832–1920). No Brasil, a Psicologia é regulamentada como profissão apenas em 1962. Este estudo tem por objetivo discorrer sobre a história da Psicologia como ciência e a subjetividade enquanto objeto de interesse. A partir disso, é possível evidenciar a importância da relação entre o contexto histórico e os desdobramentos teóricos e metodológicos sobre os fenômenos de cada época. Isto é, as teorias psicológicas dialogam com o momento histórico, este fato também ocorre em relação ao modo como a subjetividade é abordada pela Psicologia como fenômeno de interesse. A subjetividade ora é vista como o fenômeno do âmbito privado, ora como dimensão a ser disciplinada pelo saber científico. No decorrer da Psicologia como ciência, verifica-se que a ênfase inicial no estudo da consciência vai sendo direcionada para o estudo do comportamento empiricamente observável. Tais mudanças possuem relação com as concepções sobre ciência de cada época. Nesse sentido, verifica-se a tentativa de utilizar os mesmos métodos das ciências naturais na ciência psicológica. Não obstante, considerando a complexidade dos fenômenos psicológicos, verifica-se que o saber/fazer da Psicologia vai além da dimensão comportamental, incluindo o estudo sobre a cognição, relações sociais, identidade, subjetividade dentre outros fenômenos.

Palavras-chave: Psicologia Científica. História da Psicologia. Ciência histórica.

INTRODUÇÃO

Se torna evidente o condicionamento que é imposto para as pessoas sobre os saberes históricos, estando eles sempre no passado, o que não se mostra real em alguns cenários. Tendo sempre essa convicção, observa-se a dificuldade quando colocados, essas mesmas pessoas, à prova para diferenciar, criticamente, o passado do presente. Mas seria esse passado tão passado assim? Partindo do pressuposto que a História é

¹Graduanda do Curso de Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba– UEPB, julianafabia19@outlook.com;

²Graduanda do Curso de Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, leonaranz@outlook.com;

³ Doutor em Psicologia Social pela Universidade Federal da Paraíba- UFPB. Professor efetivo do Departamento de Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, joacofi@uol.com.br.

História aonde quer que ela vá, o presente momento, é histórico, contínuo e agregador. Tudo que julga-se possuir história, contextualização e relatos de mais outras histórias é que se consegue compreender de forma mais didática, coesa e coerente, o que é atribuído, tanto no cenário acadêmico e escolar como na vida cotidiana.

Nessa mesma interpretação, as circunstâncias e resultados da Segunda Guerra Mundial, direcionam-se ao ensaio sobre essa perspectiva, quando o historiador, Roney (2000), descreve a perda de algum parente durante guerra⁴, dessa forma, atenta-se para os *feedbacks* que a história proporciona e, a partir disso, a sociedade vai atribuindo ao aparato histórico o lugar de consulta, dos quais fazemos o possível para evoluir enquanto seres humanos. Em consequência disso, não é a toa que nas teorias da Psicologia Evolutiva, aludidas por Coll et al. (2004), o momento histórico se insere como uma figura influenciadora no desenvolvimento psicológico, em contrapartida, esse desenvolvimento psicológico passou por um processo histórico de estudo para ser desenvolvido, cujo é a própria história da Psicologia sendo ciência. Nesse cenário, todas as teorias vêm de um processo de métodos abarcando; experimentações e observações que se elevam a um ciclo histórico.

Fica estabelecido, que o presente artigo trará como seu principal objetivo apresentar questões sobre a história da Psicologia como ciência e a subjetividade enquanto objeto de interesse do momento histórico de autonomia da Psicologia, especificamente, com os seus principais teóricos e a sua história, para que, com o conhecimento da história, estimule a execução de uma boa dialética. Logo após, se mensura pontos que englobam algumas sentenças sobre os discursos de método, como a Psicologia era vista antes de ser ciência e o confronto para tê-la como ciência emancipada.

Seguidamente, mensuram-se aspectos em que o momento histórico teve uma grande parcela de preponderância e existiu uma grande emergência de criar uma Psicologia como ciência autônoma, perpassando por Wundt, considerado pai da Psicologia Experimental, no final do século XIX e fundador do primeiro laboratório de Psicologia Experimental, somado a isso, introduziremos no campo da Psicologia como profissão regulamentada, no Brasil, no final do século XX, sendo notável saudar que, a

⁴ “A minha mãe Hadasa, que me mostrou a observação e curiosidade como modo de vida e método de trabalho, e a meu pai, Henrique, que vestiu o uniforme do exército polonês em 1944, no Egito, e que me ensinou que o silêncio é a atitude fundamental para se olhar e conhecer o mundo, mesmo quando o assunto fosse a guerra que fez morrer minha avó paterna, Bina, assassinada em Auschwitz, Polônia.”

princípio, a Psicologia era tida, no Brasil, como parte da Filosofia, da Medicina, da Pedagogia, segundo Figueiredo (2008).

Nessa visão, se conduz na problematização desses montantes teóricos e suas diferenças na contemporaneidade, vistas como resultado de um estudo histórico. De maneira intrínseca, desejando assim, provocar uma reflexão e ampliação sobre o quão importante é conhecer os estudos primordiais, antes de penetrar-se em qualquer discussão, para que, com isso, se possa reter argumentos, pensamentos válidos e coerentes sobre os conhecimentos psicológicos e da história como um todo.

METODOLOGIA

Esse trabalho tem como razão histórica bibliográfica, com concepções de caráter metodológico descritivo com fundamentação de artigos científicos nas áreas de psicologia, história da psicologia e psicologia como ciência. Nessa perspectiva, dado a isso, se propôs a construção de uma pesquisa da qual fosse explicado e analisado a configuração da história da psicologia, a conquista da sua autonomia e a sua ascensão como ciência. Além disso, o estudo se atentou em trabalhar em cima do objetivo principal, cujo seria mensurar e provocar debates sobre o fundamento da reprodução do estudo da história, não só da psicologia, mas como um todo e relacionar com momento histórico. Além disso, centrar na ideia de que o objeto da psicologia, como sendo a subjetividade, seria válido para os estudos.

Com tudo, por meio da síntese de alguns estudos sobre como a psicologia alcançou seu *status* de ciência e como isso está entrelaçado ao momento histórico, representa importância para pesquisa nessa área, logo, em razão do embasamento teórico e da reprodução do conteúdo, evidencia-se, então, que seria necessário estudos que incentivassem e proporcionassem a reflexão sobre o quão necessário é estudar a história de determinado assunto para produção de conhecimentos coerentes e coesos.

REFERENCIAL TEÓRICO

Com fundamento, e de início, o presente artigo passará pela concepção do ser científico e, em seguida, mensurar aspectos da história da Psicologia como projeto de ser ciência, com intuito de apresentar a relevância de voltarmos ao passado para que possamos entender, de forma coesa e coerente, o seu funcionamento, as suas estruturas, bem como suas aplicações.

Internacionalmente, os saberes psicológicos, tal como a Psicologia como ciência, vêm precisamente no século XIX, com Wundt (1832-1920), ele inicia sua elaboração com discursos sobre método, como a Psicologia seria uma ciência e, além disso, uma ciência independente. Dessarte, “É claro que o processo de uma nova ciência é muito complexo: é preciso mostrar que ela tem um objeto próprio e métodos adequados ao estudo desse objeto, que ela é, enfim, capaz de firmar-se como uma ciência independente das outras áreas de saber.” (Figueiredo, 2008, p. 14).

À vista disso, percebe-se um ponto delicado. Como se poderia provar que os estudos da Psicologia eram válidos, ou que o objeto era de forma, nitidamente, observável e concreta, como exigia os métodos de fazer ciência? Foi esse o prisma que se iniciou o processo de externar que ela poderia ser uma ciência autônoma, sem dependência de outras para constituir-se como ciência, mesmo tratando coisas não concretas de fato (ALBERTI, 2004).

Nesse prisma, a Psicologia sendo tida como parte, reforça o momento histórico e como ela era vista, dado que a Medicina, Matemática e a Filosofia, eram áreas que remetiam saberes concretos e observáveis, a medida que isso é configurado, o tempo vai se consolidando até então chegar na Psicologia, por estabelecer seu objeto como “Psiquê” mais compreendida como “mente”, apesar de quando comparada com a Matemática, não era reconhecida como ciência. Com isso, grandes teóricos da época estabelecem períodos, um deles é o Positivismo, de Augusto Conte (1798-1857), ele até que considera que há um espaço para Psicologia, mas esse lugar se apresentava sempre como uma cota das ciências biológicas ou sociais, por isso, Figueiredo reitera,

Ainda hoje, após mais de cem anos de esforços para se criar uma psicologia científica, os estudos psicológicos mantêm relações estreitas com muitas ciências biológicas e com muitas ciências sociais. Isso parece ser bom e, na verdade, indispensável! Mas várias vezes é mais fácil, por exemplo, um psicólogo experimentalista que trabalha em laboratórios com animais, tais como o rato e o pombo, entender-se com um biólogo do que com um psicólogo social que estuda o homem em sociedade (FIGUEIREDO e SANTI, 2008, p. 15,16).

À vista disso, a Psicologia, no Brasil, ainda era configurada como algo a parte, passando pela etapa em que ela se torna derivada da Educação de forma geral, cujo as suas primeiras contribuições foram a partir dos primeiros laboratórios criados na área

das Escolas Normais e em alguns Hospícios⁵, segundo o catálogo publicado em 2011, pelo CFP (Conselho Federal de Psicologia), em comemoração aos 50 anos da Psicologia como profissão, no Brasil.

Nesse cenário, a Psicologia se derivou da Pedagogia, e logo foi vista com olhar de preocupação quanto aos saberes e fenômenos psicológicos, dos quais tinham na razão dos conteúdos metodológicos do próprio ensino, visto que estava inserido no curso do educador profissional, como no do educando, pelo fato em que Antunes (2008) atesta que a Educação e Psicologia eram reciprocamente sujeitas uma da outra.

Massimi (1990, p. 70), aponta que a Psicologia Experimental, recém-constituída, parece oferecer “à pedagogia o método objetivo para o conhecimento do homem e de seu processo evolutivo, substituindo-se ao método empírico ou filosófico da tradição anterior”. Com esses objetos, a Psicologia foi utilizada pela Pedagogia, para que a Pedagogia pudesse ter um feitiço científico, e foi mais precisamente a Psicologia experimental.

Conseqüentemente, tais mudanças teóricas tiveram seu valor para o ponto alfa da institucionalização da Psicologia como profissão, no Brasil, Pereira e Neto (2003). Já a familiaridade com o levantamento teórico e histórico internacional, serve para maturar a ideia que a Psicologia não foi sempre constituída como ciência, uma vez que ainda passa por momentos de grandes preconceitos e questionamentos feitos, tais como; o que estuda, qual é o objeto, etc.

A princípio, para Cavalcanti (2018), a história encontra-se em uma esfera estagnada e acomodada, em saberes primordiais, uma vez que a história que se estuda no ensino médio, mensura-se conhecimentos do passado, por causa disso, deve-se existir a substancialidade de uma prática de ensino mais dinâmica, diversificada e inclusiva que faça algum sentido para quem está aprendendo, pois “uma das forças que atribui sentido e significado à História é seu ensino” (CAVALCANTE, 2018, p. 253).

RESULTADOS E DISCUSSÕES

⁵ Nesse momento, penetram no país as ideias que estão sendo produzidas pela psicologia européia e estadunidense, assim como obras e a própria presença de importantes psicólogos estrangeiros. Percebe-se que, nesse momento, ainda que produzida no interior de outras áreas do saber, é a Psicologia Científica que, de fato, encontra solo fértil para desenvolver-se no Brasil.

Para tanto, por meio dos estudos feitos na área da psicologia como ciência, quando se mensura a história das teorias psicológicas se torna mais coerente a atribuição de sentido, precisamente pelo seu próprio objeto de estudo ser tão discutido por alguns teóricos, dessa maneira, alguns vão dizer que seriam os processos psicológicos básicos, outros o comportamento, alguns dizem que é a mente, outros diriam que seria o homem. Desse modo, em síntese se configura em uma família constituída como ciência que assinará sobrenomes iguais, mas que compõem atributos diferente, apesar disso, deve-se ter em mente que a Psicologia, antes de tudo, estuda o sujeito e sua subjetividade, logo, os seres humanos, por se diferenciarem das outras espécies, justamente por ser um resultado do meio cultural em que foi socializado, Laraia (1993). Com essas posturas, considera-se que,

Os estudos psicológicos científicos começaram e se desenvolveram sempre marcados por essa contradição: por um lado, a ciência moderna pressupõe sujeitos livres e diferenciados - senhores de fato e de direito da natureza; por outro, procura conhecer e dominar essa própria subjetividade, reduzir ou mesmo eliminar as diferenças individuais, de forma a garantir a "objetividade", ou seja, a validade intersubjetiva dos achados (FIGUEIREDO, SANTI, 2008, p. 58).

Em análise com Figueiredo (2008), falar sobre as questões das idéias de Subjetividade Privatizada, da qual, refletindo seu enquadramento histórico; fundamentado pelo Feudalismo (V até XV), Renascimento, junto ao antropocentrismo (XV e XVI) e o Modernismo (XX), esses momentos oferecem entendimentos por incluírem casos como, por exemplo, a baixa influência religiosa, os sujeitos apresentando uma carga maior de razão, diferente do Romantismo (XVIII) em que foram vistas inúmeras demonstrações de como a emoção prevalecia com pormenores em forma de arte; literatura, música, pinturas, etc.

Apurou-se também que, segundo o autor, o homem foi adquirindo um aspecto de "tragédia", exatamente por ir absorvendo as ideias de ser livre, e replicá-las nas artes, como método de também salientar sua essência. Todavia, Vilela (2012), alega, contando o cenário que está se passando, o Romantismo (XVIII) dado aos sujeitos o auge da ideia de subjetividade, admitindo que não estava precisando de uma Psicologia como ciência. Porque o fazer ciência é algo demorado, difícil, árduo, é aprofundar ainda mais em cada aspecto, questioná-los, duvidá-los, etc.

Até que aconteceu a crise dessa experiência de Subjetividade Privatizada, fazendo uma menção a todo o contexto histórico do período, ele coloca como

consequência disso o crescimento do Sistema Mercantil; a Individualização; a Ideologia liberal iluminista; o Romantismo e o Regime disciplinar, tudo isso, do século XVIII até o XIX. Para Figueiredo e Santi (2008, p.58);

A subjetividade privatizada entra em crise quando se descobre que a liberdade e a diferença são, em grande medida, ilusões, quando se descobre a presença forte, mas sempre disfarçada, das Disciplinas em todas as esferas da vida, inclusive nas mais íntimas e profundas. A crença de que a fraternidade seria possível, ainda que todos defendessem seus interesses particulares, não sobreviveu por muito tempo. Os interesses particulares levam a conflitos; a liberdade para cada um tratar de seu negócio desencadeou crises, lutas e guerras (FIGUEIREDO, SANTI, 2008, p.58).

Nessa ótica, constatou-se que toda a camada ilusória causou mudanças no pensamento da época, no que diz as ideias de crenças românticas e liberais, cujo se vê necessário a criação de concepções científicas para acompanhar o comportamento dessas pessoas. Em vista disso, o contexto histórico da época foi de suma importância para o prelúdio da Psicologia Científica, através do pensamento de Wilhelm Wundt (STUBBE, 1988).

A partir desse resgate histórico, entra para discussão o considerado pai da Psicologia Científica, Wilhelm Wundt , e seu projeto. Segundo Davidoff (2001), o objetivo principal dele era provar que a Psicologia era autônoma e não uma derivação da Filosofia, na qual era a concepção da época. Após isso, ele conseguiu fundar o primeiro laboratório de Psicologia Experimental, nesse cenário, ele se dedicou ao estudo da consciência , mais precisamente aos “os processos elementares da consciência humana” (DAVIDOFF, 2001, p. 10). A metodologia utilizada por ele se interessava em saber as estruturas da consciência, as interações, relações e combinações, por isso, ele foi chamado de estruturalista e também por comparar o estudo das estruturas da consciência, como se fossem átomos.

A princípio, Wundt só trabalhou em experimentos conduzidos no laboratório, seus métodos e práticas não foram, por ele, de ordem prática. Anexado a isso, sua ambição era de forma demasiada explicar a Psicologia como ciência independente que atuou para apresentar o que era vital a ser apresentado para configuração de científico; um objeto de estudo. Mas qual seria o objeto de estudo elaborado por Wundt ? A consciência? O ser humano? Tendo em vista que muitas bibliografias trazem como objeto de estudo da Psicologia o homem e sua subjetividade

Para Filho e Martins (2007):

Dizer, simplesmente, que o “homem” é objeto da ciência psicológica ou das várias psicologias não é suficiente, porque esta entidade genérica, em princípio, é objeto comum a todas as ditas “ciências humanas” dedicadas ao seu estudo. Resta entender como esta disciplina desenha a partir desta abstração genérica seus sujeitos concretos, entender como são construídos os objetos neste campo, além de caracterizar o que singulariza o olhar das psicologias entre as ciências humanas: este moderno olhar sobre o “psicológico” (FILHO, MARTINS, 2007).

A partir dessas posturas, Wundt, explana como primeiro objeto da Psicologia a Experiência Imediata, do qual partir das condições ditas pelo sujeito que sofreu determinada experiência, ele estudaria as elaborações puras dos fatos, e a essa técnica deu-se o nome de introspecção e, com isso, ele trabalhou por meio da observação (ARAÚJO, 2009).

Apurou-se que com passar do tempo, nem tudo que demandava de saber psicológico, e que Wundt não teve o artifício de elaborar, outros teóricos se encarregaram de difundir como, por exemplo, seguidamente, a esse período, veio William James, com sua idealização observadora da vida mental, o surgimento do Funcionalismo e sua contraposta concepção de Consciência, conseqüentemente, vem Freud, com o estudo do Inconsciente. Posteriormente, Kurt Koffka, com a Gestalt Teoria; Watson com o Behaviorismo (teorias comportamentais) e, derivando-se dele, vem Skinner, com o famoso Behaviorismo Radical (ARAÚJO, 2020).

Toda essa reflexão e aparatos históricos, leva-se a crer que o conhecimento e compreensão que atraímos, é, primordialmente, e totalmente histórico, pegando a teoria da Assimilação, um conceito citado por Palacios (2004), do qual diz que, a partir de um esquema (metaforizando a história), se pode integrar um novo esquema ou assimilá-lo a um já existente. E, nessa perspectiva, isso deveria acontecer com os aparatos históricos das teorias, todo conteúdo que se encontra em acervo ora foi assimilado por um fator histórico e, pela dinamicidade do fato, logo, essa síntese fez com que a absorção do conteúdo se desse de maneira mais simples.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As implementações teóricas dos autores citados deu-se uma configuração de um arranjo literalmente científico ao presente artigo, mostrando concepções históricas da área da Psicologia e, principalmente configurando a importância do estudo dos primórdios para uma construção de pensamentos válidos, coerentes e coesos. Além disso, os autores mostraram que as relações e histórias da Psicologia não seriam tão bem

compreendidas se não houvesse ligação com o contexto histórico de cada época e de cada acontecimento, pois todos os aspectos se apresentam de uma forma muito agrupada e, se não houver o estudo prévio da história de cada teoria, seria capaz de não conseguirmos produzir Assimilação.

É relevante dizer que a história não está diretamente ligada somente a relações com o passado, foi levantado neste artigo que a história está acontecendo a todo instante, e em todos os lugares, ela se faz a cada momento do presente. Em suma, seja considerado que são com concepções históricas que conseguimos evoluir como seres humanos e como cidadãos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBERTI, S. História da psicologia no Brasil-origens nacionais. **Mnemosine**, 2004.
- ANTUNES, M. A. M. Psicologia e Educação no Brasil: uma análise histórica. **Psicologia e educação**, v. 1, p. 9-32, 2011.
- ARAUJO, S. F. Uma visão panorâmica da psicologia científica de Wilhelm Wundt. **Scientiae Studia**, v. 7, p. 209-220, 2009.
- ARAUJO, S. O passado e o futuro da psicologia experimental: contribuições de Fechner, Wundt e James. **Revista Psicologia em Pesquisa**, v. 14, n. 3, p. 23-43, 2020.
- CAVALCANTI, E. V. A história encastelada e o ensino encurralado: reflexões sobre a formação docente dos professores de história. **Educar em Revista**, v. 34, n. 72, p. 249-267, 2018.
- COLL, C.; MARCHESI, A.; PALACIOS, J. Introdução à história aos conceitos e aos métodos. **Desenvolvimento psicológico e educação: psicologia evolutiva**. Artes Médicas, p. 17-55, 2004.
- Conselho Regional de Psicologia da 6ª Região (org.) **Exposição 50 anos da psicologia no Brasil: A História da psicologia no Brasil**. Conselho Regional de Psicologia da 6ª Região. São Paulo: CRPSP, 2011. Disponível em: <<http://www.crsp.org.br/portal/comunicacao/pdf/catalogo50anos.pdf>>. Acessado em: 19 de jul. 2021.
- CYTRYNOWICZ, R. Guerra sem guerra: a mobilização e o cotidiano em São Paulo durante a Segunda Guerra Mundial. Edusp, São Paulo: Geração editora: Editora da Universidade de São Paulo, p.11, 2000.
- DAVIDOFF, L. L. Uma introdução à Psicologia. In: DAVIDOFF, Linda L. **Introdução à Psicologia: Terceira Edição**. São Paulo: Pearson Makron Books, p. 3-12, 2001.
- FIGUEIREDO, L. C. M.; SANTI, P. L.R. **Psicologia, uma (nova) introdução: Uma visão histórica da psicologia como ciência**. 3. ed. p. 13-76, 2008.

GINGER, A.; GINGER, S. Um primeiro olhar sobre a Gestalt. In: GINGER, A. ; GINGER, S. **Gestalt: uma terapia do contato**. São Paulo: Summus Editorial, 1995.p, 13-14.

LARAIA, R. B. O desenvolvimento do conceito da cultura. In: LARAIA, R. B. **Cultura: um conceito antropológico da natureza humana**. Jorge Zahae Editor Ltda, Rua México, Rio de Janeiro, RJ, 1993, p. 46.

PEREIRA, F.M.; PEREIRA NETO, A. O psicólogo no Brasil: notas sobre seu processo de profissionalização. **Psicologia em estudo**, v. 8, n. 2, p. 19-27, 2003.

PRADO FILHO, K.; MARTINS, S.. Subjetividade como objeto (s) psicologia (s). **Psicologia & Sociedade** , v. 19, n. 3, p. 14-19, 2007.

VILELA, A. M. J. História da Psicologia no Brasil: uma narrativa por meio de seu ensino. **Psicologia: ciência e profissão**, v. 32, p. 28-43, 2012.

ZAIA, P.; OLIVEIRA, K. S.; NAKANO, T. C. Análise dos processos éticos publicados no Jornal do Conselho Federal de Psicologia. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 38, n. 1, p. 8-21, 2018.